

Experiências da Lua Nova

Vol. 03



Mãos Criativas

Mãos criativas

Geração de trabalho e renda para a conquista de autonomia de jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

José Alencar Gomes da Silva

MINISTRO-CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL E
PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Jorge Armando Felix

SECRETÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa

SECRETÁRIA ADJUNTA E RESPONSÁVEL TÉCNICA PELA SECRETARIA
NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte

COORDENADOR GERAL DE PREVENÇÃO

Aldo da Costa Azevedo

ASSESSORAS TÉCNICAS

Cíntia Tângari Wazir

Janaina Bezerra Nogueira

SECRETARIO ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA
REPÚBLICA

Paulo de Tarso Vannuchi

SUBSECRETÁRIA DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE

Carmem Silveira de Oliveira

PROGRAMA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Leila Regina de Souza

Experiências da Lua Nova

Vol. 03

Mãos criativas

Geração de trabalho e renda para a conquista de autonomia de jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social.



**Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas**

**Secretaria Especial
dos Direitos Humanos**

**DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA
PETROBRAS**



PETROBRAS



Brasília, DF
2008

VENDA PROIBIDA. Todos os direitos desta edição reservados à SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS - SENAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.

Direitos exclusivos para esta edição:

**Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
- SENAD**

Esplanada dos Ministérios
Bloco A - 5º andar - Sala 523
Brasília- DF CEP: 70 054-906
e-mail: prevencao@planalto.gov.br

Edição: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

ISBN: 978-85-60662-03-6
Tiragem: 3000 exemplares
Impresso no Brasil.

COORDENAÇÃO GERAL
Raquel Barros

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
Ana Luiza Alarcon
Cristiane Oliveira
Maria Jose Siqueira
Marta Volpi
Raquel Barros
Silvina Mojana
Stella Almeida

EDIÇÃO GERAL E REDAÇÃO
Immaculada Lopez

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Professor João Alvarenga
Edmar Crispim

PROJETO E EDITORAÇÃO GRÁFICA
Carlo Signorini
Helison Oliveira

AGRADECIMENTOS
Célia Cruz
Maysa Mazzon
Neusa Corrêa
Viviane Naigeborin
Yris Ian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Associação Lua Nova

Mãos criativas : geração de trabalho e renda para a conquista de autonomia de jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social / Associação Lua Nova. – Brasília, DF : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

56p. : il. -- (Experiências da Lua Nova, v.3)

Nota: obra elaborada em convênio com a Associação Lua Nova.

ISBN: 978-85-60662-03-6

1. Associação Lua Nova. 2. Reinserção social. 3. Mulher. 4. Uso de drogas – prevenção. 5. Oficinas de trabalho

CDU 364.442-055.2

A849m

SUMÁRIO

PREFÁCIO	06
QUEM É A LUA NOVA	09
A REDE	10
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: CRIANDO ARTE	13
POR QUÊ?.....	13
PARA QUÊ?.....	13
ENTRADA NA OFICINA.....	14
APRENDER A CRIAR.....	14
APRENDER A PRODUZIR.....	17
SABER VENDER.....	20
PARTICIPAR DA GESTÃO.....	21
MULTIPLICANDO OPORTUNIDADES.....	24
UM ASSUNTO SÉRIO.....	24
PROBLEMÁTICA COMPLEXA	24
SONHO DA EMPREITEIRA-ESCOLA	29
POR QUE TIJOLOS?.....	29
PARA QUÊ?.....	29
CICLO DE SUSTENTABILIDADE.....	30
PASSO A PASSO (A PRODUÇÃO DO TIJOLO - A CONSTRUÇÃO DAS CASAS).....	31
RESULTADOS PARA A JOVEM MÃE-APRENDIZ	34
HISTÓRIA DE QUEM FAZ	35
SAINDO DO FORNO: PANIFICADORA LUA CRESCENTE	37
POR QUE BISCOITOS?.....	37
O DIA-A-DIA.....	38
PARA FORMAR UM NÚCLEO DE GERAÇÃO DE RENDA	41
PRINCÍPIOS GERAIS.....	41
ESTRATÉGIAS.....	41
CAMINHO METODOLÓGICO.....	42
FORMAÇÃO PERMANENTE.....	43
BIBLIOGRAFIA	49

06 **PREFÁCIO**

A Sistematização de metodologias adequadas e o apoio a projetos inovadores, considerados boas práticas, são ações importantes para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes e para a prevenção do uso de drogas, tratamento e reinserção de populações em situação de vulnerabilidade social.

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH têm investido no apoio, sistematização e disseminação de práticas inovadoras de atendimento humanizado e integrado em rede, voltados para diferentes públicos, com foco especial em crianças e adolescentes. Nesse contexto, a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova desenvolveu uma metodologia reconhecida como experiência bem sucedida e inovadora, na medida em que colabora efetivamente com a reinserção social de jovens mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade, incluindo a dependência de drogas e a violência sexual.

O trabalho desenvolvido pela Lua Nova permite que as jovens possam se inserir na comunidade e na Associação como parceiras, e não como assistidas. Aos poucos, as jovens vão percebendo que possuem potencialidades, que têm muito a ensinar, a contribuir, e não apenas a receber. O objetivo é mobilizar as jovens para que enfrentem a vida cotidiana de modo responsável, assumam as dificuldades e convivam com as contradições, sem fugir ou submeter-se passivamente.

A metodologia Lua Nova foi sistematizada pela SENAD, em 2007, a partir de uma parceria com a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, originando a publicação “Experiências da Lua Nova”. Restava, então, disseminá-la aos municípios brasileiros.

A SENAD, a SEDH e a Associação de Formação e Reeducação Lua Nova, considerando a particularidade do momento histórico, em que se comemoram os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, os 10 anos da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e a realização do III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, assumiram conjuntamente a disseminação da metodologia Lua Nova para alguns municípios brasileiros contemplados pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. Essa ação está pautada no entendimento de que o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, a redução da demanda de drogas e a reinserção social de populações vulneráveis exigem esforços conjuntos do Estado e da sociedade civil organizada.

Esses esforços compõem a luta e mobilização da sociedade brasileira como instrumento fundamental para a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes em nosso país. Cuidar da infância e adolescência brasileiras é dever de todos os brasileiros e esperamos que a experiência apresentada indique possibilidades nesse caminho.

O objetivo desta sistematização não é criar um “guia”, no estilo “faça como eu faço”, mas uma fonte de inspiração para que os interessados possam conhecer e desenhar seus projetos tendo como referência um exemplo bem sucedido.

A sistematização da experiência da Associação Lua Nova é apresentada em um Kit composto de 4 livros que explicam os princípios teóricos e metodológicos do trabalho dessa Instituição e contêm os seguintes temas:

1. Lua Nova: são apresentados os princípios e caminhos essenciais da experiência Lua Nova, que pode servir de referência para outras ações de enfrentamento do uso de drogas.
2. Novos Vínculos: é enfatizada a necessidade da criação e fortalecimento de vínculos no processo de tratamento e acolhimento das jovens usuárias de drogas e seus filhos.
3. Mãos Criativas: neste volume são abordados os esforços da equipe e das jovens usuárias de drogas no desenvolvimento de habilidades e competências a fim de se profissionalizarem e gerarem renda.
4. Redes Comunitárias: neste volume, enfatiza-se a necessidade de criar redes sociais saudáveis e acolhedoras a fim de tornar duradouro o trabalho desenvolvido durante a permanência das jovens mães e seus filhos na residência Lua Nova, assim como criar um processo de desenvolvimento sustentável nas comunidades que, além de acolherem as jovens e seus filhos, descubrem seu poder de agente transformador.

Esperamos que esta publicação inspire muitos e que a rede de atenção às jovens mulheres em situação de vulnerabilidade social, do nosso país, possa ser ampliada e fortalecida.

*Subsecretaria de Promoção dos
Direitos da Criança e do Adolescente*

Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas



QUEM É A LUA NOVA

A Associação Lua Nova atende jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Criada em 2000, a Lua Nova é uma iniciativa não-governamental, com sede em Sorocaba (SP). Desenvolvemos e experimentamos diferentes técnicas e práticas de inserção social das jovens, incluindo ações de geração de renda, trabalho, redução de danos e desenvolvimento comunitário.

MISSÃO

Resgatar e desenvolver a auto-estima, a cidadania, o espaço social e a auto-sustentabilidade de jovens mães vulneráveis, facilitando sua inserção como multiplicadoras de um processo de transformação de comunidades em risco.

VISÃO

Transformar-se em um centro de referência em inserção social e desenvolvimento local pelos métodos terapêuticos utilizados.

As jovens e seus filhos vêm morar na residência Lua Nova por um período médio de nove meses. Nosso objetivo é construir uma relação de parceria com elas para que possam redescobrir seus valores morais e éticos e retomar sua cidadania. Investimos na relação mãe-filho, como base de um projeto de vida mais feliz para ambos.

Desde o início, as jovens residentes e suas crianças também são estimuladas à vida em comunidade - fundamento básico ao estabelecimento de vínculos sociais. Diversas atividades oferecidas pela organização incluem a comunidade local. O princípio é interagir no binômio comunidade - jovens mães, propiciando o desenvolvimento saudável de laços sociais para fomentar valores como respeito e cidadania.

Compreendemos a situação de risco como consequência de violações de direitos, que não foram adequadamente enfrentadas. A existência

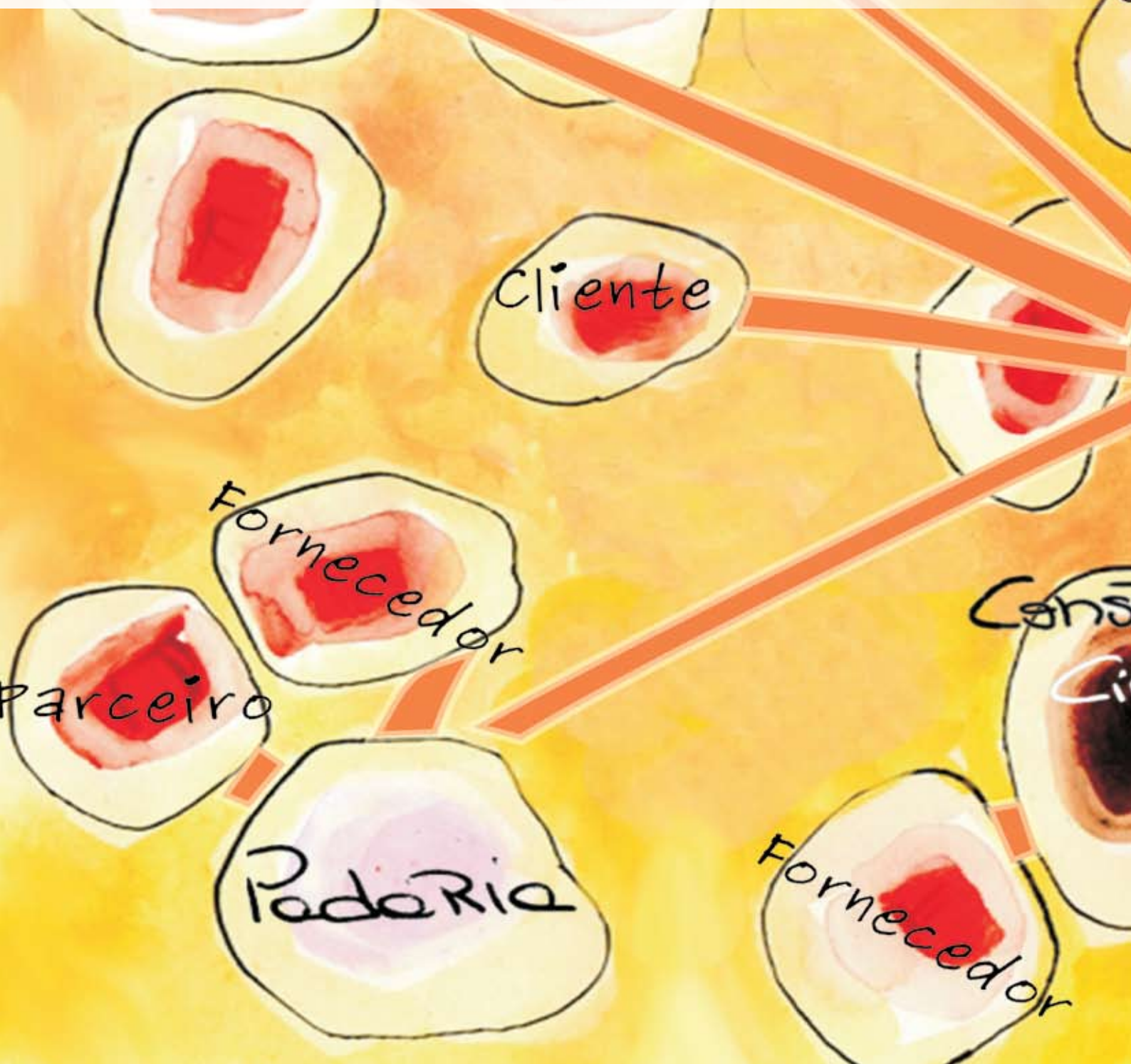
de programas efetivos evita que a situação de risco se prolongue e cria condições para que a adolescente não experimente uma nova gravidez nessas condições.

Em busca de um novo projeto de vida, propomos que as jovens construam novos vínculos – com seus filhos, com outras jovens, com a comunidade, com elas mesmas. Em especial, buscamos desenvolver atividades que proporcionem a vivência de experiências no intuito de possibilitar a convivência prazerosa entre mãe e filho (e vice-versa), colaborando com a superação dos conflitos e rejeições.

A elaboração da proposta político-pedagógica nos auxilia a posicionar-nos frente à sociedade, nossos parceiros e o Poder Público. Todas as ações do projeto são colaborativas, entre ONGs, comunidade, Poder Público, iniciativa privada e população atendida. Por meio de trocas e parcerias, estamos em constante revisão do nosso agir, auxiliando na criação de métodos mais eficazes e na elaboração de políticas públicas.

A REDE

A rede de Geração de Renda trabalha a ligação entre o projeto e o cliente, por intermédio de parceiros e da Central de Vendas, tal processo constitui o fluxo da produção que auxilia no amadurecimento e multiplicação do resultado e do projeto.





Sem medo de tentar

Tínhamos uma idéia mais romântica no começo, mas ela foi se transformando. Era muito importante a jovem poder ser mãe, poder ter a sua história, mas passamos a perceber que, ao mesmo tempo, precisávamos suprir algumas questões básicas, que passavam pela geração de renda que não era só ter dinheiro, mas ter dignidade e autonomia.

A primeira proposta foi uma pequena “fábrica” de bonecas, a “Confecção Criando Arte” (pág. 13). Nesse processo, as jovens passaram, então, a receber de R\$ 200 a R\$ 450 por mês – uma conquista importante para elas começarem a organizar as suas vidas com seus filhos.

Logo, entretanto, começamos a fazer outra avaliação: dos R\$ 400 reais que elas ganhavam, mais da metade elas gastavam em aluguel. Eu fui visitar uma delas – pois sempre fazemos visitas constantes às jovens que saem da residência – e percebi que havia pendurado a comida no teto. Ela contou, então, que vinha rato à noite. Logo pensei: – “A gente nada, nada, e acaba morrendo na praia. Ela está ganhando seus R\$ 400 tem um trabalho; mas, na hora em que ela vai para a casa, ela está inserida junto com os ratos”.

Tal realidade pode gerar um desânimo e fazer com que ela volte para a prostituição, então, começamos a ficar um pouco assustados. Nosso trabalho é muito interessante, mas o monstro social é muito maior do que a gente dá conta. Percebemos que podíamos dar um novo passo: trabalhar a questão da moradia.

Fomos procurar alternativas habitacionais, mas não conseguimos nada na nossa região. Então, nós mesmos tínhamos que fazer alguma coisa. Partimos do princípio que elas mesmas construíssem suas casas.

Procuramos uma tecnologia apropriada para as mulheres produzirem tijolos. Assim que começamos a trabalhar, recebemos uma avalanche de telefonemas de jovens, mulheres, enfim, querendo construir suas casas. Então, confirmamos que era uma demanda.

Tornou-se possível criar condições de cidadania para essas jovens e abrir um novo espaço social para elas.

A partir do momento que elas começam a ter as casas, elas podem oferecer esse novo conhecimento para a população de baixa renda. Nasceu, assim, a “Empreiteira-Escola” (pág. 29). Na verdade, a gente não sabe bem no que vai dar – a única preocupação é de que a casa não caia! Mas, o que a gente tem visto é a grande alegria das jovens. Elas estão felizes porque estão construindo suas próprias moradias.

Raquel Barros

psicóloga, diretora da Associação Lua Nova

relato em junho de 2005

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: CRIANDO ARTE

A Oficina “Criando Arte” foi nossa primeira experiência na busca de alternativa de renda e trabalho para as jovens residentes na Lua Nova. Ela começou logo após a inauguração da residência em 2000. Desde o começo, tínhamos a inquietação de contribuir com a profissionalização, geração de renda e inserção social das jovens parceiras residentes. A primeira idéia foi trabalhar com a produção de bonecas que, de alguma forma, inspiravam as suas histórias de mães e meninas.

As jovens se tornam aprendizes e participam da criação de cada produto, aprendendo os passos necessários para sua confecção completa, com a supervisão de profissionais. Além das jovens aprendizes e das costureiras, o projeto conta com uma coordenadora da oficina, uma artista plástica, uma pedagoga e educadores da equipe. Além da área de criação e produção, a oficina conta com estoque, escritório, mini-loja e cozinha.

POR QUÊ?

O ideal seria que as jovens freqüentassem espaços de educação para o trabalho no bairro ou na região, da mesma maneira que freqüentam escolas e postos de saúde. Essa opção facilitaria a inserção das jovens no mundo do trabalho da comunidade local, além de abrir possibilidades de estágio nas organizações existentes na cidade. Sem encontrar essa alternativa, a Lua Nova decidiu aprofundar a proposta. Incorporou conteúdos de alfabetização não-formal e empreendedorismo, além de investir numa articulação mais ampla e forte de uma rede de parceiros (o tema educação não-formal será abordado no volume 04, pág. 17).

PARA QUÊ?

Acreditamos que o mais importante é descobrir os potenciais da jovem, como utilizá-los e ver o resultado concretizado. Esses três

pontos são fundamentais para acreditar em si e perceber que esse mesmo sistema é o que utilizamos para solucionar problemas e criar novas situações de vida.

Colocamos uma idéia simples e lúdica no papel, logo aprendemos a técnica para confeccioná-la e, por fim, criamos uma peça original. Depois dessa experiência, a jovem visualiza um caminho, um objetivo para o qual precisa se aprimorar cada vez mais, apropriando-se do seu processo pessoal e da sua capacidade empreendedora.

As jovens começam a sociabilizar sua experiência dentro do “Criando Arte” e na comunidade, transformando-se em agentes multiplicadoras. A Lua Nova acredita que esse pode ser um sistema para melhorar o desenvolvimento das comunidades em risco, facilitando a inserção da jovem que amadurece

OBJETIVOS

- Favorecer a inclusão social das jovens. Estabelecer condições para autonomia econômica e sustentabilidade para si e seus filhos.
- Identificar e relacionar-se com suas potencialidades e fragilidades. Fortalecer a auto-estima.
- Desenvolver a criatividade e aplicá-la em seus projetos de vida.
- Desenvolver posturas adequadas a sua inserção no mundo do trabalho.
- Aprender técnicas de produção e comercialização de bens que revertam em renda.
- Construir conhecimentos que as auxiliem no desenvolvimento da cidadania. Desenvolver a percepção dos fatores de risco e de proteção a que está exposta.
- Desenvolver a percepção da responsabilidade que têm sobre a qualidade de vida própria, do outro e do ambiente natural.
- Desenvolver ações solidárias que lhe permitam doar e não só receber.

e pode se tornar uma agente transformadora do bairro onde reside.

ENTRADA NA OFICINA

Depois de um mês vivendo na residência da Lua Nova, as jovens são convidadas para uma entrevista na Oficina “Criando Arte”. Durante a conversa, o educador procura entender as habilidades, experiências, potenciais, expectativas, grau de interesse e comprometimento da jovem com a proposta. É importante saber qual é seu projeto de vida e encontrar os pontos de sintonia com a oficina. Por outro lado, a jovem é informada sobre a estrutura e regras do trabalho.

Se a jovem não tiver habilidade para trabalhos manuais e não gostar desse tipo de atividade, ela pode escolher um dos outros projetos da Lua Nova – a “Empreiteira-Escola” (pág. 29) ou a “Padaria Lua Crescente” (pág. 37) ou, ainda, buscar um emprego na comunidade, como em um supermercado, por exemplo.

Incluída na “Criando Arte”, entretanto, a jovem passa por um período de experiência e, ao

mesmo tempo, de avaliação quanto à assiduidade nas atividades, cumprimento de metas, atenção, grau de responsabilidade e compromisso. Se a avaliação é positiva, ela passa a receber uma bolsa-aprendiz mensal. O dinheiro é guardado pelo educador e, junto com ele, a jovem decide o que fazer: comprar uma roupa, dar um presente para os filhos ou, até mesmo, abrir uma poupança, pensando nos seus planos futuros.

Embora a oficina faça parte da instituição, percebe-se que as jovens mães aproximam-se dela como se chegassem a “mundo encantado” que, ao mesmo tempo, atrai e assusta.

APRENDER A CRIAR

Um ponto forte do “Criando Arte” é o desenvolvimento de produtos – um desafio enorme para as jovens. Não pode haver acomodação e a imaginação deve ficar sempre viva.

A oficina, portanto, não constitui um espaço rígido de profissionalização. Buscamos um caráter de acolhimento, que propicie às jovens a experimentação. Elas podem criar, brincar com uma boneca em seu colo... Existem as regras, mas há, também, a possibilidade de mostrar seu potencial e ser reconhecida por ele.

Muitas vezes, elas não se julgam capazes de iniciar um trabalho na confecção. Mas, com o tempo, com a possibilidade de aprender, aos poucos, experimentar e escolher, acabam se encontrando dentro desse espaço. Por isso, temos que respeitar a criação das jovens, pois colocam a história delas nas suas criações. Mostramos sim, o que pode e deve ser aperfeiçoado, mas jamais ignoramos ou deixamos de observar um produto confeccionado. Trata-se de um trabalho bastante complexo, delicado, pois nossa ferramenta é a descoberta de potenciais em cada uma.

Nesse sentido, quatro ações são importantes:

1. Banco de Idéias

Composto por palavras, objetos, moldes, desenhos, fotos e bonecas; constitui-se, na verdade, numa rica fonte para a diversificação e desenvolvimento do trabalho. Registramos todas





Ao elaborar o produto-símbolo do Criando Arte, procurei captar a essência, a alma de todo o processo de nossas meninas, então deixei-me livre para criar. O resultado é apaixonante, uma boneca com vida, forte personalidade e única, como toda menina-mulher pode ser....

as fases de desenvolvimento de cada protótipo até alcançar o resultado desejado. Ao mesmo tempo, ele guarda a história do projeto, mostrando o amadurecimento do grupo, as idéias que não vingaram e as que viraram sucesso.

2. Grupo de Criatividade

Ocorre uma vez por semana, coordenado pela artista plástica da equipe, com duração aproximada de duas horas e meia. Desenvolve a percepção, a criatividade, estimula a imaginação e permite entrar em contato com um mundo mais sensível e feminino. Trata-se de um espaço lúdico, livre e divertido. Utilizam-se todo tipo de técnicas manuais e industriais, noções básicas de teoria da cor, estilo e moda.

3. Desfile de Bonecas

O desfile é o trabalho final do Grupo de Criatividade. Durante os encontros, cada jovem cria sua boneca, com a ajuda e sugestões do grupo. Chega, então, o momento do desfile, organizado duas vezes por ano. Divertidos, servem como pretexto e estímulo para criar, aprimorar-se, auxiliar o seu trabalho e aprender a competir de uma maneira sadia. Cada jovem leva para a

passarela a boneca que criou. Muitos aplausos, risadas, além de prêmios e menções para todas, já que todas são originais. É um momento de grande festa e alegria para a Lua Nova e nossos parceiros. O setor de produção aproveita e utiliza os modelos que consideram originais e vendáveis.

4. Novos Produtos

A equipe discute sobre a viabilidade das idéias registradas no “Banco de Idéias” e decide



quais modelos entrarão no processo produtivo. Vale dizer que não ter o modelo escolhido não significa uma frustração para a jovem. Afinal, todos os trabalhos são discutidos coletivamente e, assim, acabam fazendo parte do “Banco de Idéias” – nosso grande tesouro. Também deixamos claro que a escolha do trabalho não depende simplesmente de ele ser ou não bonito, mas também da existência de demanda. Antes da definição dos novos produtos, o setor de custos pesquisa o preço da matéria-prima, verifica fornecedores e detalha o orçamento. Consideramos fundamental que também seja feita uma análise dos concorrentes e produtos similares já existentes no mercado. O preço de venda é depois calculado, acrescentando-se os custos para distribuição, transportes, impostos e embalagens.

5. Protótipos e modelos

Aprovada a idéia, ela se transforma em um produto vendável no “setor” de protótipos e modelos. Durante o processo, realizamos várias provas-piloto e moldes e, cada novo produto, ganha uma ficha com seus dados, características e nome. Participam da atividade, jovens aprendizes, a artista plástica e a costureira-piloteira (que faz os protótipos). Para passar para a produção, o protótipo é aprovado por consenso, pelo grupo.

“O que fazemos com o dinheiro?

Damos para o educador guardar e, quando precisamos comprar alguma coisa, ele autoriza, dependendo do que queremos comprar.

Gastamos em roupas, sapatos...

No meu caso, vai tudo para as minhas filhas, minhas quatro meninas.”

Residente da Lua Nova.

TODAS AS CORES

O preconceito e a discriminação marcam a vida das jovens, seja por ser negra, pobre, mãe solteira ou homossexual. Dessa forma, o tema da diversidade precisa ser trabalhado. A Linha das Diferenças (pág. 19) cria uma oportunidade de reflexão, diálogo e dissolução de conflitos.

APRENDER A PRODUIZIR

Após a aprovação de cada novo produto, são definidas as metas de produção, as etapas de trabalho e a equipe envolvida. Inicialmente, as jovens passam por um rodízio de funções e técnicas para entender e aprender o processo da confecção de uma boneca do começo ao fim. Num segundo momento, defini-se uma rotina, na qual a jovem escolhe o setor com o qual se identificou ou tem mais potencial a ser desenvolvido.

O próximo estágio é o aprimoramento das técnicas. Apropriar-se do fluxo da produção junto as suas companheiras, descobrir as possibilidades de otimizar os recursos, assim como resolver problemas ou situações imprevistas.

Em todo esse processo, trabalhamos também a preocupação com a organização e a limpeza do espaço da oficina, que complementa o trabalho feito sobre a higiene pessoal, da casa e das crianças. No “Criando Arte”, as jovens participam da limpeza e manutenção do espaço de produção, equipamentos, ferramentas e materiais.

A produção em si pode ser organizada nas seguintes etapas:

1. Corte

É o começo do processo. A jovem aprende a cortar, lidar com os moldes, a não desperdiçar tecido e a reaproveitar retalhos de doação. Sempre que o tecido permite, para ganhar tempo, corta-se com a máquina de corte manual, para acelerar o processo e aumentar a quantidade.



Linhas de Produtos

Diferentes linhas de produtos são criadas e produzidas pela Oficina “Criando Arte”. Os trabalhos nascem da criatividade, experimentação e troca de idéias e técnicas dentro do grupo. A cada ano, os produtos das diferentes linhas são escolhidos para compor a coleção a ser produzida no período.

BONECAS **ACESSÓRIOS** **BRINDES**



Linha Família:

Pai, mãe, filho, filha, gêmeos, bebê, avô, avó e mais uma figura masculina que pode ser tio ou primo ou vizinho.

Linha pedagógica:

Bonecas e bonecos representando a família, o juiz, o médico, bem como crianças sem rosto, facilitando o trabalho preventivo e terapêutico no caso de abuso sexual. São usados, por exemplo, em trabalhos terapêuticos com as residentes da própria Lua Nova.

Linha Folclórica:

Saci, Iara, Curupira, Baianinha, Carnavalesca, Caipira. Essa linha visa fortalecer vínculos com a nossa cultura, história e saber popular. Valoriza a riqueza e diversidade das regiões de nosso país.

Brindes:

Bolsas, pastas, etiquetas, embalagens, capa de agenda, chaveiros...

Acessórios:

São diversos, tanto para adultos, crianças quando para casa: bolsas, chaveirinhos, fantasias, mochilas, almofadas, aventais, etc.



Linha das Tribos:

Jovem Fashion, Skatista, Surfista, Hair, Eu Mesma, Dominique, Garota de Ipanema. Penélope Charmosa. Valoriza os diferentes grupos com seu visual, códigos, símbolos, signos que definem uma cultura própria para se diferenciar e, simultaneamente, construir um mundo diverso e rico.

Linha Terapêutica - Abuso Sexual:

A partir do trabalho nos Grupos de Criatividade e Sexualidade, foi desenvolvido um kit de prevenção para as questões de abuso e exploração sexual, com um conjunto de bonecos desenvolvidos pelas jovens na oficina “Criando Arte”. (Pág. 25)

Linha Maternidade:

Foram criadas bonecas que podem ser usadas para representar a situação de parto normal, o parto cesariano e, ainda, o aleitamento materno. Há, também, os bonecos que representam a equipe médica. Acreditamos que esses bonecos poderão ser utilizados de maneira informativa, pedagógica e preventiva, nas escolas e comunidades.

Linha Fantasia:

Duende, Duende das flores, Anjo do amor, Bruxa Keka, Bailarina, Palhaço Feliz, Jovem Maluquinha, Fada, Rainha, Rainha Brasileira, Princesa, Noiva, Noivo, Adão e Eva, Homem das Cavernas, Padre, Cozinheiro, Marceneiro, Papai Noel, Jovem Lua Nova, Jovem Criando Arte. O objetivo dessa linha é desenvolver a capacidade de se divertir de maneira saudável. Fortalecer a criatividade, a imaginação e a capacidade de resolver problemas de maneira lúdica.

Linha das Diferenças:

Bonecas e bonecos negros, brancos, indígenas, orientais, ruivos, albinos, com óculos, com aparelhos, gordos, magros. O objetivo é promover a diversidade, a aceitação e o respeito pelas diferenças.

2. Bordado

Os olhos, boca e nariz são bordados no rosto de pano, que é feito à mão, antes de costurar a cabeça.

3. Costura

Montar os corpos das bonecas, costurar as roupinhas. A costura é realizada em grande escala, para ganhar tempo e não ter que trocar de linha. A jovem aprende a costurar, fazer over-lock, fazer zig-zag e outros acabamentos.

4. Enchimento

Aprender a encher com matérias-primas diferentes. Primeiro, encher as pernas para serem montadas na costura. Depois, é preenchido o corpo, fechado à mão.

5. Acabamento

Nessa fase, a boneca ganha personalidade: coloca-se o cabelo, o rosto é “maquiado”, ganha enfeites e detalhes. Tudo feito à mão. Posteriormente, são vestidas, etiquetadas e levadas para o estoque, onde são guardadas.

6. Controle de Qualidade

É realizado por todas as jovens em cada parte do processo. Há também o controle oficial, realizado pela jovem responsável por essa função, a qual dá o “OK”, etiqueta e estoca. Esse procedimento é muito importante, pois garante a satisfação e fidelidade dos clientes, que esperam sempre a mesma qualidade. As jovens contam com a assessoria da artista plástica e da coordenação. Esse procedimento diz respeito

LIXO VIRA BELEZA

O reaproveitamento de materiais tem, pelo menos, três funções importantes. O primeiro é econômico: aprender a transformar em dinheiro um material que outros ou elas mesmas jogam fora. O segundo é assumir uma atitude ecologicamente correta. O terceiro é bastante valioso. É uma metáfora do que está acontecendo dentro delas, ter um olhar novo para elas mesmas, conseguir reorganizar e criar uma nova situação de vida. O valor e o potencial que enxergamos, em cada material descartado, nos permitem reorganizar e criar uma coisa nova. Da mesma maneira, poderão olhar para seus próprios recursos e potenciais e transformá-los em algo novo.

ao trabalho de muitas pessoas e técnicas, criando conflitos, os quais são trabalhados pedagogicamente.

SABER VENDER

Tão importante quanto produzir é fazer o produto chegar ao público. Só assim a atividade se sustenta, bem como se mantém o entusiasmo e a satisfação das participantes da oficina.

Além da venda de seus produtos para lojas de brinquedos educativos, a Lua Nova tem conquistado espaços para venda direta ao consumidor. Entre eles, destaca-se um quiosque, numa chácara-restaurante, em Araçoiaba da Serra e, outro, no Shopping Sorocaba, além de stands em bazares beneficentes, feiras promocionais e eventos culturais.

Essa conquista representa novas possibilidades de trabalho para as jovens residentes, que são responsáveis pela

“A rotina é assim: chegamos, uma corta, outra costura, outra pinta, vai enchendo, vai marcando... Cada uma tem uma função específica, mas quando há pedido grande, todas colaboram para atender a encomenda. Quando veio a encomenda da Itália de 400 bolsas, fizemos 75 por dia!”

Aprendiz do “Criando Arte”

administração dos pontos de venda.

Por outro lado, os produtos são exportados para algumas cidades italianas. E, também, já está sendo estruturada a venda pela Internet.

PARTICIPAR DA GESTÃO

A Lua Nova busca compartilhar a gestão da Oficina “Criando Arte” e outras iniciativas de geração de renda com as jovens parceiras residentes. Com a experiência e o desenvolvimento pessoal das jovens, elas vão se apropriando do processo produtivo como um todo, assumindo funções e responsabilidades, até o momento de estarem prontas para se emancipar e, assim, conduzir seu próprio empreendimento.

Nesse processo, algumas estratégias se mostram valiosas para favorecer a autonomia e iniciativa das jovens:

1. Funções

Definimos funções claras na equipe: coordenação, controle de estoque, definição de custos, venda, controle de qualidade, compra de materiais etc. A cada encomenda, as jovens mudam de função, enriquecendo seu aprendizado. Ter uma função e, poder tomar decisões, ser uma referência e poder ensinar quem está chegando, significa ser cada vez menos assistida e cada vez mais parceira. Ao experimentar o grau de dificuldade de cada função, elas passam também



a criticar menos e ser mais solidárias em equipe. A vivência numa equipe estruturada impulsiona – às vezes, pela primeira vez – a vivência coletiva com valores de respeito ao outro. A construção de novos valores, por meio da produção conjunta, ajuda a descobrir a necessidade da comunicação e a superar o discurso inicial das jovens - “não posso”, “não consigo”, “não sei”, “não tenho”.

2. Regras

O regulamento interno vai se constituindo com as decisões tomadas por todos nas reuniões, depois de serem explicadas, analisadas, discutidas, votadas e aceitas. Dizem respeito a cumprimento de horários, metas pessoais, destinação do dinheiro, cuidados de higiene, organização, respeito e comportamento. Funcionam como um elemento de autocontrole e de equilíbrio do grupo. Busca ser um mecanismo democrático e horizontal, evitando problemas de excesso de poder ou negligência. O exercício da responsabilidade é um grande aprendizado para o grupo.

3. Reunião Semanal

Semanalmente, a equipe inteira se reúne para trocar informações e conversar sobre a oficina como um todo. Falam sobre todos os setores (da criação à venda), expõem resultados, tomam decisões, pensam estratégias, esclarecem dúvidas e o mais importante: exercitam uma comunicação respeitosa e uma tomada de decisões coletiva.



4. Definições de Metas

Na reunião semanal, são definidas metas para cada uma e para o grupo. Marca-se um caminho, um rumo, com estágios a serem atingidos. Essa definição clara de metas é importante como estratégia de auto-superação e interação, respeito, equilíbrio e justiça no trabalho de uma com a outra.

Entre outras, estabelecem-se:

- Metas de organização, higiene e acolhida das jovens aprendizes.
- Metas de aprimoramento de técnicas e reaproveitamento por setor.
- Metas pessoais de produção, administração ou vendas.

5. Planejamento

São vários níveis de planejamento. Há um planejamento anual, no qual são combinados os objetivos e as demandas da Associação Lua Nova e da Oficina “Criando Arte”, para que as atividades e o ritmo das jovens sejam coerentes com a missão e a pedagogia da Associação. Além disso, há um planejamento semestral específico da “Criando Arte”, além de planejamento regular, nas reuniões de equipe, incluindo funcionamento geral, encomendas, metas e avaliações etc. Além de ser essencial para o bom andamento do projeto, o exercício de planejar visa ao desenvolvimento dessa habilidade em cada jovem, em relação a seu próprio projeto de vida.

6. Avaliação

Finalizado cada plano de trabalho, é feita uma avaliação individual e coletiva. Ao estimular a participação, o comprometimento e a solidariedade, o momento de avaliação torna-se um pretexto para trabalhar a comunicação e o respeito pelo grupo, pelos outros e por si mesma. A avaliação nos permite ficarmos conscientes dos pontos fracos e fortes do nosso trabalho e quais as necessidades de mudança.



MULTIPLICANDO OPORTUNIDADES

Ao deixar a residência Lua Nova, algumas jovens, que foram morar em casas alugadas, nos bairros de periferia da cidade de Araçoiaba, Votorantim e Sorocaba, continuaram trabalhando no “Criando Arte”. Ao receber uma encomenda muito grande, não conseguiam produzir tudo sozinhas e passaram a terceirizar a produção de algumas peças da boneca para outras mulheres vizinhas, que necessitavam de renda tanto quanto elas. Além do benefício concreto para a comunidade, esse processo contribui para a conquista de um novo espaço social pelas jovens: de “marginalizadas” passam a ser pessoas com conhecimentos e oportunidades a compartilhar.

UM ASSUNTO SÉRIO

Como parte das atividades do “Criando Arte”, foi desenvolvida a Pedagogia da Mudança para abordar o tema do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes de forma não invasiva, por meio da elaboração conjunta de produtos que derivam das histórias que, aos poucos, vão sendo contadas pelas jovens residentes da Lua Nova.

As atividades são divididas em duas etapas - o Grupo de Criatividade e o Grupo de Sexualidade:

1. Grupo de Criatividade

Ocorre, semanalmente, para estimular a imaginação e a criatividade das jovens participantes. Fazem colagens, desenhos, brincadeiras, criação de figurinos etc. Realizadas em equipe, essas atividades proporcionam a troca e o aprimoramento do conhecimento. Para motivar as residentes a participarem desse grupo, a partir desses encontros são confeccionadas bonecas e algumas delas serão escolhidas, posteriormente, para fazer parte de um desfile. As bonecas que desfilam são avaliadas em diversos quesitos e as vencedoras são premiadas. Passam também por uma pesquisa e levantamento de custos com a finalidade de avaliar a possibilidade de serem comercializadas.

2. Grupo de Sexualidade

Também ocorre toda semana, com orientação de um psicólogo e artista plástico. Além de informativas, são atividades terapêuticas, nas quais as jovens têm a liberdade de abordar em grupo temas bastante íntimos e delicados. Alguns exemplos de temas discutidos: o funcionamento e as diferenças do órgão sexual feminino e masculino, relações sexuais, prazer, gestação, maternidade, paternidade, feminilidade, relações com pessoas do mesmo sexo, configuração de família homossexual. No decorrer do grupo, começaram a aparecer temas relacionados com violência, como assédio, discriminação, agressão, prostituição, drogas, aborto e abuso sexual. A violência sexual foi uma realidade vivenciada por todas e passou a ser discutida nessas atividades.

Constatamos que essa necessidade de discutir sobre sexualidade advém de sérios conflitos relacionados ao tema, vivenciados por elas no decorrer da vida. Como sabemos que traumas são mobilizadores e afetam o poder criativo, passamos a utilizar, nessas oficinas, técnicas terapêuticas para possibilitar que as jovens revivam o trauma e lidem com essas situações passadas de uma forma mais apropriada. Ficam, assim, preparadas para participar da produção do *Kit* multiplicador.

PROBLEMÁTICA COMPLEXA

O abuso sexual intrafamiliar precisa ser entendido em suas várias questões: o segredo familiar, o medo, a (re)incidência em todas as classes sociais e várias idades, a impunidade do abusador, a fuga de casa, as consequências desta violência... Tais questões devem ser enfrentadas com um sistema de garantia de direitos, ações preventivas, oferta de serviços de proteção para as pessoas vitimizadas, bem como a punição aos agressores. Temos ainda o grave problema da exploração sexual de crianças e adolescentes, com forte apelo comercial. Ainda que de forma não determinante, crianças, adolescentes e

jovens expostos e submetidos à violência física, psicológica, sexual e social são os que mais rapidamente ingressam na rede de prostituição e do uso de drogas.

1. Marcas da Violência

Durante as oficinas, pudemos mapear os principais problemas e demandas advindas de situações de violência, abuso e exploração sexual vividas pelas jovens:

Problemas:

- Sexo como algo negativo;
- Sexo ligado a problema, morte, interrupção de um momento ou fase da vida. Relatado muitas vezes como trauma;
- Sexo ligado ao desconhecido e à falta de experiências boas;
- Sexo ligado à violência ou abuso;
- Sexo ligado à falta de prevenção, de conhecimento do seu próprio corpo, do desenvolvimento sexual, do desejo e da feminilidade;
- Repressão da própria sexualidade e da descoberta espontânea. Essa repressão começa pelos outros, depois é assumida pela própria jovem, que a repete com os seus filhos e as crianças em geral;

Demandas:

- Lidar com o sexo como uma idéia natural e saudável.
- Saber que existem formas de desfrutar e ter prazer sem pagar um preço alto ou sofrer consequências negativas.
- Compreender que o sexo é só uma parte da sexualidade.
- Ter acesso à educação sexual, prevenção e informação.
- Ter acesso a material ou ferramentas de informação sobre sexualidade, em linguagens acessíveis e variadas. Ex: livros, filmes, música, teatro, fotos, brinquedos...
- Criar um espaço onde se possa falar de tudo,

sexo, medos e outros assuntos “tabus” que não sabem como falar.

- Ser respeitada em momentos de confusões ou de mudanças em sua orientação sexual.
- Aprender a lidar com o preconceito aos homossexuais e com as perguntas das crianças referentes a esse tema.

2. Kit Multiplicador

A partir do trabalho nos Grupos de Criatividade e Sexualidade, foi desenvolvido um kit de prevenção para as questões de abuso e exploração sexual, apoiado pela World Childhood Foundation, com um conjunto de bonecos elaborados pelas jovens na oficina “Criando Arte”. O kit tem sido utilizado pelas instituições que atuam nos Pólos de Prevenção de Abuso e Exploração Sexual propostos pelo CNRVV (Centro de Referências às Vítimas da Violência do Instituto Sedes Sapientiae).

O que faz parte do kit:

- **Família Extensa:** conjunto de bonecos representando uma família extensa, incluindo pais, avós, tios e irmãos – os principais protagonistas das violações conforme as estatísticas. Porém, no *kit*, os personagens não são identificados, deixando que as vítimas os



nomeiem espontaneamente. Por meio deles, surgem também informações sobre dinâmica e convivência familiar. Os bonecos são articuláveis, as roupas podem ser facilmente

retiradas e ainda apresentam órgãos genitais de acordo com a anatomia do estágio de desenvolvimento sexual representado pelos bonecos.

- **Fantoches:** a idéia é facilitar o contato do profissional com a pessoa que tenha sofrido violência. Por meio do fantoche, a vítima pode conversar na terceira pessoa, o que a faz sentir-se menos exposta e apresentar menos resistência para falar sobre a violência sofrida.
- **Fantasia:** foram agregados ao *kit*, materiais lúdicos, que retratam o imaginário infantil, permitindo que as crianças também possam solucionar “fantasiosamente” o seu problema.



Com varinhas mágicas, elas podem imaginar que o problema foi resolvido como em um passe de mágica. Esse mecanismo defensivo que as crianças podem usar torna as situações traumáticas mais suportáveis para seu psiquismo. Com o mesmo propósito, foi criado um livro de “Pano” com personagens (móveis), de ambos os sexos, símbolos representativos (casa, árvores, flores, guarda-chuva), além de heróis infantis, com os quais a vítima poderá reproduzir a sua “estória” com um final feliz, se assim ela quiser.

- **Fluxograma para os profissionais:** para facilitar o trabalho do profissional que lida com as vítimas de abuso e exploração sexual, foi produzido um fluxograma com os contatos de todos agentes, instituições, órgãos públicos e privados que possam colaborar com o

atendimento multidisciplinar a esse tipo de clientela. Serve, acima de tudo, para orientar o profissional quanto ao melhor encaminhamento a ser dado à vítima, de acordo com os recursos existentes no município. Com a ajuda do fluxograma, é possível organizar o trabalho em três fases: prevenção, atendimento e acompanhamento, tanto para a vítima quanto para familiares e agressores.

3. Articulação Regional

Durante o desenvolvimento do *kit*, ele foi sendo apresentado em reuniões propostas pela Lua Nova com diversos atores envolvidos na temática, como escolas, creches, centros de saúde, programa Saúde da Família, Instituto Médico Legal, conselhos tutelares, conselhos municipais de Saúde, Assistência e Direito da Criança e do Adolescente, além do Centro de Atenção Psicossocial da Criança e do Adolescente e da Vara da Infância e da Juventude.

Realizamos inclusive uma pesquisa, junto a essas instituições, a fim de descobrir quais eram as suas principais dificuldades e necessidades ao abordar as questões de sexualidade, desenvolvimento de crianças e adolescentes, assim como de violência e usos indevidos de drogas que, no nosso entendimento, está intimamente relacionado ao abuso e exploração sexual.

Entre outras dificuldades apontadas, destacaram-se:

- Desconfiança e recusa dos pais em lidar com o tema.
- Isolamento dos serviços.
- Falta de capacitação da equipe.
- Número reduzido de profissionais.
- Falta de material pedagógico e informativo que facilite a interação entre os temas a serem abordados, os profissionais e as crianças.
- Desconhecimento dos demais atores da rede na prevenção e acolhimento da vítima de violência.

A partir daí, passamos a desempenhar um papel de agente articulador, facilitando o diálogo, a troca de informações entre os atores e o



reconhecimento das habilidades e potencialidades de cada um em relação ao enfrentamento de tal problemática. Nesses encontros, afirmou-se o desejo comum dos profissionais em serem capacitados e aprimorados para estarem seguros, a fim de realizarem essas ações.

4. Projeto Mãos Amigas

Além da articulação da rede de atores, a Lua Nova realizou uma parceria com o setor de reintegração social da Penitenciária “Dr. Antonio de Souza Neto”, de Sorocaba, para desenvolver o projeto “Mãos Amigas”. Esse projeto partiu da necessidade da penitenciária de aproximar sentenciados e jovens que foram vitimizadas. A idéia é propiciar a revisão de valores, tanto para o sentenciado que reconhece que tem que se adequar ao contexto social do qual advém, ampliando sua compreensão de mundo e diminuindo o egocentrismo; quanto da jovem, que pode reconhecer no indivíduo recluso um

ser humano com potencialidades, e vislumbrar a possibilidade de convivência futura, pois um dia a pena acabará.

Cabe esclarecer que o trabalho é feito entre sentenciados e vítimas de maneira genérica, isso é, não trabalhamos com pessoas envolvidas no mesmo caso, mas sim em situação de abuso e exploração de maneira geral.

Durante dois meses, a equipe da penitenciária e da Lua Nova desenvolvem oficinas com os sentenciados que trabalham na serralheria, bem como com os coordenadores os quais também são sentenciados do setor de Artesanato. Após essas oficinas, os sentenciados passam a produzir objetos que serão doados às jovens da Lua Nova (porta jóias, brinquedos, castiçais, porta retratos, enfim, objetos escolhidos por eles para essa ação). A doação simboliza um encontro entre os sentenciados e as jovens vitimizadas.

Enquanto isso, a equipe da Lua Nova discute com as jovens o propósito do projeto, os encontros que fazem com os sentenciados e a proposta de doação. Nesse trabalho, busca-se perceber as resistências, angústias, dores e dificuldades das partes e mostrar a necessidade da não-generalização, a possibilidade de ver o sentenciado, também, num processo de transformação.

Os objetivos do projeto são:

- Discutir temas voltados às questões sociais.
- Refletir sobre as consequências da prática criminosa sob a perspectiva do sentenciado, da vítima e da sociedade.
- Provocar encontro simbólico entre a vítima (genérica) e o sentenciado (genérico).
- Promover cooperação e resgate de valores. A cooperação é concretizada num encontro simbólico entre os sentenciados e as jovens, quando ocorre a doação dos presentes. O presente passa a ser, simbolicamente, o instrumento de relação entre vítima e sentenciado.
- Valorizar o trabalho desenvolvido pelos sentenciados dessa unidade, focando principalmente a equipe do setor de manutenção/serralheria.
- Realizar doação de objetos produzidos pelos sentenciados à Lua Nova.



projeto patrocinado por

**DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA
PETROBRAS**



PETROBRAS



SONHO DA EMPREITEIRA-ESCOLA

Em 2004, a Lua Nova criou uma “Empreiteira-Escola” que forma jovens mulheres para trabalhar na construção civil e, ao mesmo tempo, as capacita para serem multiplicadoras da tecnologia - que passou a ser chamada: “Construa sua Vida”.

Numa primeira fase, as jovens estão aprendendo a técnica de fabricação dos tijolos e pintura em parede. E já começaram a construir suas próprias casas como projeto-piloto.

Num segundo momento, poderão prestar serviço (produzindo e vendendo tijolos, construindo casas), bem como capacitar outras mulheres para o trabalho. O público-alvo inclui a população de baixa renda que sonha com a casa própria, bem como prefeituras com políticas sociais de habitação popular.

Desde o início, a Lua Nova se vinculou a diferentes parceiros para viabilizar a idéia: Ação Moradia (organização social sediada em Uberlândia-MG, desenvolve projetos de fabricação e autoconstrução de casas de tijolos ecológicos), a Faculdade de Engenharia de Sorocaba (que desenvolve tecnologias de construção de casa de baixo custo), a Physis e Mundo Pet (organização social ligada a reaproveitamento de materiais) e a Petrobras (patrocinadora que viabilizou financeiramente todo o projeto).



POR QUE TIJOLOS?

As estatísticas mostram que o déficit habitacional afeta 83,2% das famílias brasileiras que recebem três salários mínimos ou menos. Além disso, existem mais 6 milhões de habitações totalmente precárias, pelo seu tipo ou por sua localização inadequada, sem acesso aos serviços públicos urbanos - este é o déficit qualitativo. A demanda por habitação cresce 5% ao ano, é uma demanda anual por 600 mil novas unidades, só por causa do crescimento da população.

As jovens residentes da Lua Nova fazem parte dessa população excluída do direito à moradia. Ao sair da residência, passam a viver de aluguel, no qual investem grande parte da sua renda. Além de proporcionar uma alternativa para as jovens terem sua casa própria, a “Empreiteira-Escola” quer transformá-las em agente de transformação da realidade comunitária, gerando ao mesmo tempo trabalho e renda. Sabe-se que a venda de tijolos ou de serviços poderá gerar renda de, no mínimo, 2,5 salários às jovens residentes da Lua Nova, havendo, também, a possibilidade de firmar convênios públicos e com empreiteiras.

PARA QUÊ?

No processo de autonomia e inserção social das jovens, a conquista de um espaço onde morar com seus filhos, com tranquilidade e estabilidade,

é essencial. É uma condição concreta para viver em família e se inserir na comunidade.

O diferencial do projeto está na construção e prestação de serviços feitos por jovens mulheres, incomum ao setor da construção civil, com potencial de qualidade e confiabilidade. Oferecer moradia às famílias carentes, ensinando-as a conquistar esse bem, demonstrar que é possível construir casas de baixo custo sem perder a qualidade, utilizar técnica simplificada e econômica de tijolos ecológicos e produzir coletivamente agregam simplicidade e resultados no resgate da dignidade e desenvolvimento sustentável de comunidades.

CICLO DE SUSTENTABILIDADE

1. Formação das jovens

Ao aprender o trabalho com técnicos e empreiteiros locais, as jovens tornam-se realizadoras e multiplicadoras do projeto. Além da construção civil em si, a formação engloba as atividades de educação não-formal, inclusão digital, informações para gerenciamento de negócios, instruções técnicas sob a área de construção civil, instruções para organização e estruturação de cooperativas de prestação de serviços, atividades produtivas para a busca de instrumentos que viabilizem a geração de renda e a administração da renda resultante da prestação de serviços e venda de equipamentos.

2. Auto-construção

As jovens participantes, juntamente com profissionais, produzem as primeiras casas. É um trabalho coletivo, ainda durante a formação. Os recursos necessários incluem máquinas de fabricação de tijolo, terra, cimento, área para construção das moradias, material de construção alternativo, plantas, além de tintas, tubos, materiais elétricos, entre outros.



- Fabricação de tijolos: as jovens parceiras se unem na tarefa de produzir coletivamente os tijolos ecológicos. Pode ser para as casas que estão construindo, bem como para venda a terceiros.
- Instalação da fundação da construção: preparo da área, alicerce, sustentação das paredes, impermeabilização.
- Levantamento das paredes: os tijolos ecológicos são módulos resistentes de 12,5 x 25 x 6,25 cm, são encaixados uns sobre os outros, sem a necessidade de ferramentas ou mão-de-obra especializada, transformando-se em paredes sólidas e de ótimo acabamento.
- Instalação hidráulica e elétrica.
- Cobertura e acabamento: telhado, instalação de portas, janelas e piso.
- Horta e Jardinagem: as casas têm projeto ambiental inovador que inclui horta, jardim e pomar em cada lote, propiciando um ambiente confortável e acolhedor para as famílias.

3. Prestação de Serviços

Formação de grupos para prestação de serviços de construção e pequenos reparos. Inclui cuidado com o gerenciamento e distribuição da renda adquirida com os serviços prestados ou a comercialização do material produzido.

4. Formação de Núcleos

Jovens passam a ser multiplicadoras das técnicas aprendidas. Podem ser estimulados núcleos produtivos na comunidade.

A PRODUÇÃO DO TIJOLO



1°. Peneire a terra vermelha bruta



2°. Leve ao misturador:

1 Carrinho e $\frac{1}{2}$ de terra vermelha peneirada
 $\frac{1}{2}$ Carrinho de saibro
1 lata e $\frac{1}{2}$ de cimento

3°. Ainda no misturador umedeça a massa, usando de 6 a 10 litros d'água dependendo da umidade natural da terra.



4°. Leve ao triturador a massa úmida



5°. Pegue a mistura resultante com uma lata e leve à prensa



6°. Prende a mistura e retire o tijolo



7°. Alope-o à sombra



8°. Molhe por 5 dias, a cada 12 horas aproximadamente



9°. O tijolo está pronto para ser usado na construção



A CONSTRUÇÃO DAS CASAS

1°. É realizada uma terraplanagem no terreno.



2°. É feito um esquadramento coloca-se o 1° gabarito de madeira, em

seguida o plástico e a malha de ferro, amarra-se toda a extensão da malha e gabarita-se o esquadro da casa.



3°. É concretado o perímetro.



4°. Começa a subir as paredes.



5°. Sobe 90 cm de paredes, coloca-se a canaleta e realiza

a divisão das janelas, portas e parte interna da casa.



6°. Sobe mais 1 metro e 20 cm, entra a canaleta de novo, concretase e fecha os vãos de portas e janelas.



7°. Sobe mais 8 fiadas e cobre com mais uma canaleta.

8°. O quadro todo da casa está pronto.

Obs.:
Lembrando de sempre
chegar o prumo
das paredes.

9°. Sobe o oitão (a caída da frente e do fundo) e a parede que divide ao meio a casa, que manda a caída do telhado.

oitão

10°. Depois é a colocação do telhado, portas, janelas, pisos, elétrica, hidráulica, as louças e o acabamento.

ASSIM, O SONHO ESTÁ
Concretizado!

RESULTADOS PARA A JOVEM MÃE-APRENDIZ

Durante o período de implantação da proposta piloto do Projeto Empreiteira-Escola, pudemos constatar potencialidades e fragilidades que merecem ser destacados.

São eles:

1. Pontencialidades

- Uma aderência muito positiva ao projeto e muita garra para desenvolver a proposta;
- O perfeccionismo e o detalhismo na fabricação de tijolos e nas atividades de construção são habilidades que devem ser trabalhadas e valorizadas para que não gerem conflitos entre as residentes.
- O aprendizado da confecção dos tijolos em solo/cimento não acarretou dificuldades, apesar do esforço físico diário necessário para a produção.
- O laço afetivo existente entre as jovens, pelo tempo de convivência, facilita a diminuição dos problemas tanto no trabalho como nas tarefas de mãe e dona de casa.
- A dificuldade em não saber ler e escrever é superada com a ajuda das colegas que sabem ler. Aos poucos, por meio do processo de construção de casas, elas vão se alfabetizando. Hoje estão freqüentando a sala de aula e muitas já voltaram à escola.



- O projeto suscita a vontade de oferecer o benefício da casa própria a outras jovens na mesma situação, desenvolvendo o espírito solidário do grupo.
- Melhor interação com o filho por perceber uma perspectiva concreta de vida.
- Os conflitos são resolvidos com uma boa “piada” ou uma “brincadeira”.

2. Fragilidades

- A vontade e necessidade de ver o resultado concreto rapidamente, gera em algumas residentes momentos de frustração;
- A dificuldade em cumprir horários e as faltas ao trabalho são dificuldades que a jovem mãe enfrenta pela tripla jornada: aprendiz, mãe e dona de casa. O fato de não contarem com familiares para auxiliar nas tarefas estimula o desenvolvimento de estratégias e a renegociação de horários para que assumam o processo com responsabilidade.
- Devemos respeitar os limites desta população para não criar expectativas distorcidas sobre o que é possível realizar. Por exemplo, algumas etapas da casa, que exigem técnicas e conhecimentos específicos (radiê e telhado), ainda não são realizadas pelas aprendizes.
- O longo processo de aprendizado pode desmotivar o grupo e são necessários reforços periódicos para manter o planejamento e o nível de qualidade desejados.

História de Quem Faz

Eu nasci no Guarujá e, com um mês e meio de nascida, fui levada para um abrigo. Eu fiquei lá por algum tempo. Nunca conheci meus pais – apenas sei o nome deles pelo meu registro de nascimento. Quando eu tinha 12 anos, eu me envolvi com drogas. Acho que foi a revolta, pois já estava cansada de abrigos... E não demorou muito para ser usada pelos traficantes.

Aí fui para outro abrigo, onde eu fiquei até os meus 13 anos. Às vezes, eu saía do abrigo sem permissão, mas sempre voltava como se não tivesse acontecido nada.

Quando eu tinha mais ou menos 14 anos, eu fui abusada. Nossa como é complicado... Aí eu soube que eu estava grávida. Que desespero, como eu fiquei confusa. Mas, apesar de tudo, eu nunca pensei em interromper aquela gravidez.

Quando eu tive a minha filha, o abrigo me encaminhou para a Associação Lua Nova. Assim que cheguei, eu senti medo. Talvez, medo de ficar sozinha, de não ter ninguém. Mas, hoje, eu me sinto em casa. A Lua Nova já faz parte da minha vida.

Lógico que temos as nossas dificuldades, mas são normais. Foi aqui que eu vim aprender muitas coisas, em especial, de cuidar da minha filha, aprendi a lhe dar carinho e dizer o quanto ela é importante para mim. Eu não tinha responsabilidade como mãe. Na Lua Nova, eu aprendi a sonhar.

Quando surgiu o projeto de construção das casas, eu tinha acabado de retornar para a Lua Nova, estava esperando meu segundo filho. Eu logo me identifiquei muito com o projeto. Hoje, meu maior sonho é ter minha casinha para morar com meus dois filhos.

Trabalhar fazendo tijolos não é fácil. É um pouco pesado; mas, quando queremos alguma coisa, temos que correr atrás, tudo se torna mais fácil. E as pessoas que trabalham aqui são muito legais.

O Dedé é o mestre de obras. Ele está sempre nos incentivando e ajuda a dar continuidade às casas. Às vezes, ele pega muito no nosso pé, mas faz parte... Se não, ninguém faz nada... Tem também o Osvaldo. Ele é o nosso conselheiro. Quando ele percebe que estamos meio desanimadas, ele anima com suas brincadeiras; mas, há momentos, que é preciso ser um pouco rígido..

Tem também o nosso paizão, o seu Zé. Ele quer tudo certinho, quando vê que estamos errando, puxa nossa orelha, mas para o nosso bem.

A nossa maior dificuldade, muitas vezes, é a falta de material que, por isso, ficamos sem trabalhar. Eu espero que o projeto cresça a cada dia, junto com cada jovem que está aqui.

Residente da Lua Nova



SAINDO DO FORNO: PANIFICADORA LUA CRESCENTE

Em 2002, a Lua Nova iniciou uma nova frente de profissionalização: o “Buffet-Escola”. As jovens aprenderam a servir e começamos a atuar em alguns eventos, especialmente festas de confraternização de organizações não-governamentais. Entretanto, a falta de apoio financeiro para o projeto levou a instituição a desistir dessa ação como geração de renda e transformá-la em um espaço de voluntariado das jovens em outras instituições.

A idéia foi retomada dois anos mais tarde, em 2004, quando algumas jovens residentes participaram do projeto “Jovens em Ação”, uma parceria da Aracati Agência de Mobilização Social com a Ashoka Empreendedores Sociais. Evoluiu, então, para a proposta de uma padaria, batizada de “Lua Crescente”. Apesar de ser um empreendimento de baixo custo e alto potencial, o projeto perdeu fôlego, com a dispersão do grupo inicial. Apenas duas delas deram continuidade à iniciativa, produzindo pães e bolos para consumo interno e pequenas vendas.

Finalmente, em 2005, a proposta ganhou novo impulso. Interessadas na área de alimentação, algumas jovens participaram de um curso sobre horta caseira e produtos medicinais. Algumas voluntárias também ensinaram a



fazer biscoitos artesanais. Nesse momento, surgiu a oportunidade de apresentarmos a idéia para a Associação Caminhando Juntos (ACJ), que apóia empreendimentos jovens. O sonho da padaria pôde, assim, ressurgir como uma possibilidade mais concreta, com o apoio financeiro necessário.

POR QUE BISCOITOS?

Nutrir a si mesmas e a seus filhos. O desejo de produzir alimentos gostosos sempre esteve presente entre as jovens. E decidimos transformar esse dom numa possibilidade de trabalho e renda. Simbolicamente, ao lado do “Criando Arte” e da “Empreiteira-Escola”, a “Panificadora Lua Crescente” vem completar a



intervenção que realizamos na vida da mãe com o filho: jogar e brincar (bonecas), viver e morar (casas) e alimentar (biscoitos).

Inicialmente, o grupo imaginava fazer doces, bolos e pães. Os mais citados sempre foram aqueles que mães e filhos comiam, juntos, no lanche da tarde. Com o tempo, percebendo a necessidade de desenvolver um produto com prazo de validade maior do que uma semana, as jovens optaram por fazer biscoitos, que também são aceitos pelas crianças, mas poderiam ser mais fáceis de embalar, armazenar e vender.

O DIA-A-DIA

Para começar, as jovens tiveram aulas de culinária, nas quais aprenderam três receitas de biscoito. Prepararam, então, as primeiras fornadas e começaram a oferecer como degustação em cafês e restaurantes. Uma

vez aprovadas as receitas, o grupo começou a verificar como vender: para quem, em que quantidade, qual embalagem etc.

Decidiram, a partir disso, fornecer os produtos, mediante pedido, a restaurantes e cafês da região. Também começaram a preparar saquinhos de R\$ 1,00 (com 80 gramas) para serem vendidos em faculdades, empresas, feiras e no quiosque da Lua Nova, no supermercado Wall Mart, em Sorocaba. Por outro lado, surgiram as primeiras encomendas para *coffee break* em seminários e encontros de entidades sociais.

Hoje, são cinco opções: biscoito de limão, canela, coco, chocolate ou amendoim. São 4 kg de biscoito produzidos diariamente numa padaria artesanal, montada dentro da residência Lua Nova. O trabalho é realizado por uma equipe que envolve uma cozinheira, uma educadora, 12 jovens, quatro aprendizes e uma vendedora. As jovens atuam seis horas por dia – fazem os



biscoitos, elaboram receitas e testam novos sabores, além de participar de capacitação contínua.

Semanalmente, há aulas de empreendedorismo. Noções de higiene, armazenamento de alimentos, regras e estrutura de produção também são temas freqüentes. Em 2006, o grupo iniciou o processo de elaboração de um livro de receitas, que será editado após um concurso. Por outro lado, a experiência está se multiplicando na comunidade. Já está funcionando uma filial da padaria no bairro Márcia Mendes, onde as jovens da Lua Nova capacitaram jovens em gravidez de risco.





FORMAR UM NÚCLEO DE GERAÇÃO DE RENDA

A experiência com a “Oficina Criando Arte”, seguida da “Empreiteira-Escola”, nos leva a pensar em parâmetros comuns para desenvolver novos Núcleos de Geração de Renda dentro da Lua Nova, como também na comunidade. (Ler sobre a experiência dos Núcleos Comunitários de Geração de Renda no vol. 04 desta coleção.)

Acreditamos que a profissionalização e a geração de renda são espaços importantes na valorização de cada jovem acerca de suas capacidades e na descoberta da capacidade de gerar renda, uma enorme conquista.

A experiência com espaços de profissionalização mostrou que o principal desafio nesse processo é a busca permanente do equilíbrio entre as necessidades do empreendimento e a descoberta do potencial das jovens, pois, muitas vezes, o potencial e a habilidade criativa requerem tempo e um comportamento mais artesanal. Isso implica numa produção em pequena escala. Entretanto, a menina necessita, também, gerar renda, produzir e vender esses produtos em ritmo mais acelerado e quantidades suficientes, a fim de gerar lucros para a residência. Esse é o equilíbrio.

PRINCÍPIOS GERAIS

- A geração de renda deve ter caráter educativo e contribuir com o fortalecimento do projeto de vida da jovem. Deve ser, acima de tudo, um espaço de aprendizagem. Deve estar associada à proposta político-pedagógica da instituição.

- Os participantes devem se apropriar do processo como um todo. No caso de uma confecção, por exemplo, além do corte e costura, devem participar da definição de novos produtos, pesquisa de preço da matéria-prima, verificação de fornecedores e custos, análise dos concorrentes e produtos similares, capacidade de gestão e de negociação. A formação deve incluir até educação financeira, para garantir bom uso e aplicação da renda gerada.
- A atividade de geração de renda visa, principalmente, a sustentabilidade dos participantes e não da organização.
- Usar a lógica da **economia solidária¹** e **mercado justo²** para pensar no negócio. Estimular o cooperativismo.

ESTRATÉGIAS

1. Institucionais

- Trabalhar com marketing de rede. Fazer parcerias e alianças com outras organizações sociais.
- Desenvolver visão de contexto que permita a construção e articulação de arranjos produtivos.
- Formar multiplicadores entre os beneficiários durante o processo de profissionalização. Favorecer uma postura participativa e construtiva, através do envolvimento em todos os processos de elaboração e manutenção das propostas e planos futuros.
- Fomentar a formação de pequenos núcleos produtivos, acompanhando o processo e ensinando a administrar o próprio negócio,

1. Economia solidária resulta da prática de grupos populares que se organizam, há décadas, para enfrentar o desafio das práticas econômicas. Em todo o país, estima-se que estejam atuando 15 mil empreendimentos, incluindo grupos de produção, trocas e consumos, cooperativas e associações, baseados no trabalho associado e na gestão coletiva.

2. Mercado justo baseia-se na transparência e no respeito, com maior senso de justiça e igualdade no mercado internacional. Contribui com o desenvolvimento sustentável, garantindo situações dignas de trabalho e salários justos aos pequenos produtores.

dando assessoria artística e legal, assim como, terceirizando algumas fases de sua produção para a capitalização de renda da residente e membros da comunidade.

- Buscar linhas de financiamento para o estabelecimento de negócios a serem dirigidos pelos participantes. Alternativas de microcrédito (em dinheiro, material ou equipamento).

2. Comerciais

- Construção de um **plano de negócios**¹ para cada iniciativa com assessoria de especialistas na área, que inclua diagnóstico e levantamento de potenciais e demandas; análise de mercado e dos custos de matéria-prima, dos custos de produção, de armazenamento e de comercialização; elaboração do preço de venda.
- Análise e controle das mercadorias e controle da qualidade do processo produtivo e do produto terminado.
- Desenvolvimento da rede comercial de distribuição e venda do produto final, com assessoria de especialistas na área.

CAMINHO METODOLÓGICO

1. Constituir o grupo

- Apresentação da equipe e dos participantes.
- Trazer produtos de todos e de qualquer técnica para compartilhar com o grupo.
- Valorizar o conhecimento através da troca de técnicas.
- Trabalhar o espaço físico: “nosso espaço - nossa oficina”.
- Trabalhar sonhos, descobrir um sonho em comum.
- Mapear competências, talentos, técnicas, grau escolar e saber popular do grupo.
- Diagnosticar situação específica de riscos e vulnerabilidades do grupo (constituição e

dinâmica familiar, situações de violência e problemáticas específicas dessa comunidade).

- Diagnosticar o estado do grupo, para poder planificar a segunda fase que começa com desenvolvimento de produtos e desenvolvimento da própria gestão do grupo.
- Tirar fotos para criar uma linha do tempo e ver as mudanças do espaço, dos produtos e do grupo.
- Produzir uma ficha de cada pessoa, registrando suas habilidades, interesses e expectativas.
- Definir funções e responsabilidades no grupo.

2. Começar a produzir e vender

- Definir desafio-projeto. Definir técnica(s) e produto(s).
- Pesquisar, no bairro, aspectos dos concorrentes: materiais, parceiros e pontos de venda.
- Avaliar: Estamos dentro da realidade? Nosso produto tem mercado? O que precisamos aprender?
- Definir os passos da produção e o grau de dificuldade.
- Levantar custos.
- Profissionalização: buscar curso específico.
- Providenciar os materiais.
- Desenvolver amostras.
- Vivenciar o “passo a passo” da produção.
- Começar grupo de criatividade.
- Criar banco de idéias.
- Planejar as vendas no bairro.
- Desenvolvimento de produtos.

3. Gerir o núcleo

- Diagnosticar conhecimentos e capacidades específicas do grupo em relação à gestão (experiência de gestão, empreendedorismo, trabalho em grupo, cooperação, movimento do bairro etc.)
- Perceber lideranças.

1. Plano de negócios é uma ferramenta gerencial de planejamento e gestão muito usada no setor privado. Permite analisar, estruturar e apresentar a viabilidade e atratividade de um negócio. Também ajuda a promover o negócio da empresa para investidores e financiadores em potencial.

- Trabalhar a organização do espaço físico, equipamentos, materiais e a higiene pessoal.
- Fazer “combinados” quanto ao uso do espaço.
- Iniciar livro de registro, lista de presença e relatório das reuniões.
- Captar recursos. Procurar se aprimorar, buscar cursos, doações etc.
- Oferecer serviços ao bairro.
- Organizar sistemas de coletas de doação de materiais e reciclados na comunidade.
- Realizar alguns objetos decorativos para doar na “escola-creche” etc, com pequeno ritual. Produzir fotos e incluir, no livro, do grupo.

É ESSENCIAL...

- Problematicar, constantemente, as situações e estimular a participação do grupo na construção de alternativas. É importante desconstruir e reconstruir conhecimentos e vivências significativas.
- Garantir que os participantes se apropriem do projeto, encontrando sintonia com seu projeto de vida pessoal. Associar o trabalho ao prazer.
- Trabalhar a auto-estima, autogestão, autonomia, potencial empreendedor e criativo de cada participante.
- Dar apoio sócio-educativo para trabalhar a emancipação e lidar com frustrações.
- Garantir apoio para a alfabetização não-formal dos participantes.
- Sistematizar a metodologia, incluindo registro das atividades realizadas, avaliação do processo, reflexão sobre a própria prática, organização da metodologia que está sendo vivenciada.
- Entender cada aprendizagem, no grupo, como ferramenta para lidar com situações fora do grupo.

FORMAÇÃO PERMANENTE

Consideramos alguns conteúdos essenciais a serem trabalhados com os grupos de geração de renda e trabalho. Geralmente, são abordados em oficinas temáticas.

1. *Ética e compromisso no trabalho*

É importante trabalhar com o grupo conteúdos relacionados à ética, compromisso e busca da excelência no trabalho. Conversar sobre os valores que devem ser respeitados na busca de oportunidades de trabalho, relações com os colegas, com os clientes, com os concorrentes e/ou fornecedores.

Ética sempre envolve questionamentos. O excesso de pragmatismo, às vezes, sufoca as perguntas. As perguntas são mais importantes do que as respostas. Quando conseguimos ouvir e acolher, somos éticos. Não existe uma verdade absoluta.

Cada grupo deve discutir quais valores e regras de conduta vão guiar o trabalho a ser desenvolvido.

2. *Empreendedorismo*

4. *Interagir com a comunidade*

- Pesquisar materiais e recursos disponíveis na região.
- Identificar possíveis doadores.
- Identificar os protagonistas do bairro, como o posto de saúde, conselho tutelar etc.
- Fazer parcerias, no bairro, para providenciar cursos e recursos locais.
- Conhecer os vizinhos do espaço.
- Procurar voluntários no bairro
- Ter um espaço de venda no bairro.

- Organização: conhecer o conceito, tipos de organização: ORG. privadas, ORG. governamentais, ORG. terceiro setor (diferenças entre fundações, associações civis, OSC, OSCIP).
- Sustentabilidade: conhecer o conceito e vinculá-lo a exemplos da nossa vida.
- Autosustentabilidade: Conhecer o conceito e vinculá-lo a exemplos da nossa vida, e com nossos sonhos.
- Visão empresarial e mudança de atitude: conhecer o que é um planejamento estratégico

CONTEXTO BRASIL

Segundo o Censo 2000, 34 milhões de pessoas residentes, no Brasil, são adolescentes e jovens de 15 a 24 anos de idade, representando 20% da população. A maioria (81%) vive em zonas urbanas, dois milhões e seiscentos mil deles são chefes de família. São 17 milhões de mulheres entre 15 e 24 anos, 4,3% delas não são alfabetizadas.

Embora as exigências quanto ao acesso à informação e à formação tenham se ampliado, no mundo contemporâneo, e o fato de que 91,7% dos adolescentes estejam matriculados na escola, apenas 33,3 %, de 15 a 17 anos, estão matriculados no Ensino Médio.

Segundo dados do Unicef, as pessoas entre 15 e 24 anos são intensamente atingidas pelo desemprego e pela precarização das relações de trabalho. Entre as adolescentes trabalhadoras, destaca-se o índice de trabalho doméstico, na zona urbana, e de trabalho não remunerado na zona rural.

As circunstâncias se agravam quando as jovens ficam grávidas, algo que não é incomum. Embora a taxa de fecundidade tenha decrescido, o número de filhos em cada grupo de mil mulheres brasileiras, de 15 a 19 anos, subiu de 80 para 90 em dez anos. Dados do Censo 2000 mostram, ainda, que mais de 330 mil crianças são filhos de gestantes adolescentes entre 12 a 17 anos.

Expostos a uma sociedade violenta e sem um sistema de garantia de direitos e políticas de proteção eficazes, os jovens, muitas vezes, acabam, eles próprios, associados à violência e passam a ser vistos como uma ameaça frente à qual é preciso reagir.

e como montar um negócio. Conhecer a idéia de plano de negócios (ver item seguinte).

- Perfil do negócio: descobrir e definir a nossa missão, visão e perfil de atuação do negócio, criando um vínculo maior e, assim, diminuir a distância entre o sonho e a realidade. Conhecer e definir conceitos para serem aplicados com clareza como: produtos e serviços, identificação da demanda, público

alvo, concorrência, capacidade de produção e de prestação de serviços.

- Mercado: conhecer suas potencialidades e necessidades. Descobrir fontes de informação para definir quantitativamente o potencial de consumo de pessoas físicas e empresas.
- Marketing e estratégias: saber quais são os canais de distribuição possíveis. Aprender a determinar preços. Definir canais de divulgação.
- Equipe responsável: perceber e definir as funções, responsabilidades e remuneração de cada agente do processo. Definir o sistema de remuneração da empresa. Perceber e respeitar as características da equipe. Conhecer e definir a função do setor de recursos humanos.
- Planejamento financeiro: perceber as necessidades e entender o que é fluxo de caixa e balanço. Definir o que é investimento e qual o momento certo para realizá-lo. O que é microcrédito, ter consciência dos riscos e oportunidades.

3. *Elaboração coletiva de plano de negócios*

O plano de negócios é uma ferramenta essencial para o grupo criar, planejar e começar a realizar sua proposta de geração de renda.

Fazem parte da elaboração do plano de negócios vivências e discussões sobre os seguintes pontos:

- Definição de custos: avaliação de preço de matéria-prima, viabilidade e facilidade de compra. Detalhamento de custos, incluindo levantamento dos principais fornecedores das matérias-primas envolvidas (localização do fornecedor, preço, facilidades de pagamento).
- Análise da concorrência: análise dos concorrentes e produtos similares no mercado, incluindo preços da concorrência, qualidade dos produtos vendidos e volume de vendas dos concorrentes.
- Preço de venda: o preço de venda deverá ser calculado a partir do preço de custo, somado à porcentagem do custo de distribuição, transporte, impostos, embalagem. Executar o cálculo e a margem de lucro no preço do produto.

- Definição de metas: definição de metas de produção.
- Estrutura de produção: esquema de todo processo de produção. Considerando a meta de cada produto, data de entrega, artesãos em serviço, maquinário etc.
- Equipe de produção: definição do número de pessoas necessárias, perfis e critérios para escolha.
- Compra material: previsão da periodicidade e fluxo de compra.
- Controle de estoque de matéria-prima e produtos: deverá ser controlado, a cada início de semana, o estoque de mercadorias e de matéria-prima, para elaboração de lista de necessidades e análise de custos. Esse controle deverá ser feito em forma de tabela e entregue junto com o relatório mensal da oficina.
- Controle de qualidade: levantamento dos itens que serão analisados durante o controle de qualidade do produto. Definição das pessoas responsáveis pelo controle.
- Planejamento da distribuição e venda: avaliação do volume de vendas de cada canal de distribuição, assim como o custo.
- Medição de impacto: definição de indicadores que irão revelar o impacto do projeto.

O plano de negócios também pode prever os seguintes pontos:

- Mecanismos de criação: mapeamento de idéias, sugestões, possibilidades de produtos e serviços. Análise das propostas.
- Sistematização de técnicas: registro e sistematização das técnicas e do processo de trabalho do grupo.
- Realização de cursos: cursos coletivos ou individuais de acordo com a avaliação das necessidades do setor e das potencialidades das artesãs.

4. Cooperativismo

A cooperativa pode ser estimulada como alternativa valiosa para organização do grupo e concretização de um projeto de geração de renda e trabalho. A seguir, alguns conteúdos que

INDICADORES QUALITATIVOS

- Qualidade de vida dos participantes (autonomia, auto-sustentação, autoproteção, relação com a família, satisfação com a nova vida, autorregulação com relação ao uso de drogas e à prostituição)
- Aumento da capacidade de buscar soluções criativas para situações de conflito.
- Capacidade e autonomia em assumir suas atividades.
- Maior clareza na elaboração do projeto de vida.

INDICADORES QUANTITATIVOS

- Número de participantes.
- Tempo de permanência no espaço de trabalho e formação.
- Quantidade de produtos produzida.
- Número de produtos vendidos.
- Valor do salário dos participantes.
- Número de participantes que adquiriram formação e que utilizaram a formação recebida, para encontrar um emprego externo.
- Número de participantes que adquiriram uma emancipação econômica.

podem ser trabalhados para iniciar a discussão:

- Identidade do grupo e objetivos individuais: quais os objetivos pessoais e desejos de cada um neste momento? Como o projeto se relaciona com esses objetivos e desejos? O que queremos fazer? O que devemos fazer? O que podemos fazer?

A idéia é pensar o grupo como uma intersecção entre objetivos individuais e objetivos comuns, sendo esses objetivos coletivos um possível meio, pelo qual cada integrante possa alcançar seus objetivos pessoais. A noção de que, os objetivos comuns do grupo estão atrelados aos desejos e às ambições individuais, podem trazer à tona uma discussão sobre senso de cooperação entre as integrantes e a consciência de que o sucesso individual passa pela consecução dos objetivos

do grupo; o que, por sua vez, requer a dedicação e colaboração de todas.

- Discussão sobre **valores e princípios do cooperativismo**¹: discussão sobre o que é cada um desses princípios e como seria possível a organização do trabalho de um empreendimento a partir deles, introduzindo a análise sobre a estrutura do cooperativismo. O que o grupo pensa de cada um desses valores, e como seria a prática desses no trabalho do grupo. Qual a validade e legitimidade desses valores para o desenvolvimento de um empreendimento? Quais as diferenças entre esses valores e as relações profissionais que vemos, em geral, na sociedade e nas empresas? Que benefícios ou prejuízos o grupo pode ter, ao praticar tais posturas em seu trabalho?
- Origens do Cooperativismo: discussão geral sobre as origens históricas do cooperativismo, desde quando ele existe e em que contexto nasceu; o que há em comum entre esse contexto e o nosso, atual: desemprego, trabalho informal e precarização das condições de trabalho. Alternativas a esse quadro de crise: discussão sobre o movimento da Economia Solidária, no Brasil e no mundo, cooperativismo de produção, de consumo, de crédito e de serviços.
- Estrutura de uma cooperativa X estrutura de uma empresa: discutir, concretamente, a forma como se estrutura uma cooperativa: tomada de decisões - gestão do empreendimento, execução do trabalho e controle das tarefas. Modelo de organização horizontal do trabalho: assembléia,

1. Valores e princípios do cooperativismo

- Solidariedade mútua.
- Gestão democrática.
- Adesão livre e voluntária.
- Administração transparente e democrática.
- Autonomia e independência.
- Educação e formação constantes.
- Solidariedade interna e externa.
- Interesse social pela comunidade.
- Busca do bem comum.



igualdade política (peso igual das opiniões), igualdade técnica (todos aptos a desenvolverem as funções) e igualdade econômica (retirada igual de rendimentos). Separação entre gestão e produção na empresa e na cooperativa.

- Dinâmica das lideranças: o grupo levanta, aleatoriamente, uma série de eventos imaginários: casamento, festa, enterro, construção de casa, viagem, diversos eventos, e discute quem do grupo seria uma liderança ideal para cada um desses eventos e por quê? Quais qualidades cada pessoa tem que a habilita a liderar uma ou outra atividade, buscando relativizar o conceito de liderança e discutir a complementaridade do grupo.
- Compromisso dos cooperados: compromisso com o resultado total do empreendimento em oposição ao trabalho assalariado, segmentado e especializado. A participação em todas as esferas – gestão, produção, comércio – como oportunidade de desenvolvimento para cada pessoa do grupo. São criadas comissões e conselhos para facilitar o desenvolvimento da cooperativa em paralelo ao trabalho cotidiano da produção.
- Sentido do trabalho e autogestão: evidenciar a diferença das relações de trabalho na cooperativa e na empresa. A forma como o trabalhador assalariado se envolve no todo do empreendimento em oposição ao envolvimento esperado do cooperado. Compromisso com o resultado: objetivo de relativizar a forma

como o trabalho, em geral, é encarado em grandes empresas, como um conjunto de horas vendidas para garantir o sustento, sem conhecimento da cadeia de produção, em oposição ao trabalho na cooperativa, na qual, o produto final é de propriedade dos trabalhadores e seu valor (qualidade) é que garante a remuneração de todos.

- Cooperativa: discussão que tenta sintetizar com o grupo todos os assuntos levantados durante a

oficina. É em forma de cooperativa que o grupo pretende organizar o seu trabalho? Em caso positivo, realizar discussão sobre o estatuto.

- Legislação vigente e caminhos para legalização: discussão sobre a parte jurídica envolvida no processo de formação de uma cooperativa. Lei, limitações e vantagens da legislação sobre o cooperativismo.



BIBLIOGRAFIA

- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E MCKINSEY. **Negócios sociais e sustentáveis:** estratégias inovadoras para o desenvolvimento social. São Paulo: Peirópolis, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e economia solidária:** inclusão social pelo trabalho. Ministério da Saúde: Brasília, 2005.
- DORNELAS, J.C. **Empreendedorismo:** transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DUARTE, R. B. A. **Histórias de Sucesso, mulheres empreendedoras.** Brasília: SEBRAE, 2007.
- FISCHER, R. M. **A hora e a vez do andar de baixo?** São Paulo: Idéia Social, 2007.
- GIANNETTI, E. **Felicidade:** Diálogos Sobre o Bem-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HART, S. **Capitalism at the Crossroads:** The Unlimited Business Opportunities in Solving the World's Most Difficult Problems. Wharton School Publishing, 2005.
- HASSAN, A.; SANTOS, E. **Batons, Sonhos e Determinações:** Jeitos Femininos de Empreender. São Paulo: SEBRAE, 2005.
- LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo:** Criando Riquezas. Recife: Bagaço, 2000.
- LENGEN, J. van. **Manual do Arquiteto Descalço.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteto; Rio de Janeiro: TIBÁ, 2004.
- MATOS, A. C. de; MELCHOR, P.; FIORENTINI, S. R. B. **Padaria.** Brasília: SEBRAE, 2004. il. (Comece certo, 18)
- MAUAD, M. J. L. **As cooperativas de trabalho e sua relação com o direito material do trabalho.** São Paulo: PUC, 1997.
- PANZUTTI, R. **Empreendimento cooperativo:** um novo agente econômico. São Paulo: OCESP/ SESCOOP, 2001.
- PRAHALAD, C.K. **A riqueza na base da Pirâmide:** Como erradicar a pobreza com lucro. São Paulo: Bookman, 2005.
- RECH, D. **Cooperativas:** uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: FASE, 1995.
- RIOS, L. O. **Cooperativas brasileiras: manual de sobrevivência & crescimento sustentável:** 10 lições práticas para as cooperativas serem bem-sucedidas em mercados globalizados. São Paulo: Editora STS, 1998.
- SINGER, P.; SOUZA, A. R. de. **A economia solidária no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000.
- VOLTOLINI, R. **Sustentabilidade a bola da vez.** São Paulo: Revista Idéia Social, 2006. Disponível em http://www.oficioplus.com.br/revista_analise02.php. Acesso em 05/jun/07.
- YUNUS, M. **O banqueiro dos pobres.** São Paulo: Ática, 2000.

VIVAVOZ

LIGUE PRA GENTE. A GENTE LIGA PRA VOCÊ.

0800 510 0015

Orientações e informações sobre a prevenção do uso indevido de drogas

Lua Nova



Dando forças para quem tem vontade

www.luanova.org.br

luanova@luanova.org.br

55 15 32327567 | 32345976



Lua Nova
Dando forças para quem tem vontade



**Secretaria Nacional
de Políticas sobre Drogas**

**Secretaria Especial
dos Direitos Humanos**

